

Crianças, mídia e cultura nos tempos contemporâneos: um cenário de múltiplas relações

Aletheia Machado de Oliveira
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Tecnologia
 Presidente Prudente-SP, Brasil
 aletheiaoliveirajf@gmail.com

Resumo—Este *paper* apresenta discussões preliminares de pesquisa em andamento sobre criação de jogos digitais por crianças de 09 a 12 anos do Ensino Fundamental I. Por tratar-se de uma tese de doutorado, o objetivo do artigo é apresentar de maneira reduzida discussões teóricas que envolvem o lugar da criança na cultura contemporânea ao reconhecermos que elas geram novos espaços culturais e produzem mídias. Para iniciar as discussões, é realizado o entendimento sobre culturas infantis e cultura das mídias para, depois, correlacioná-las. Metodologicamente, trata-se de uma investigação qualitativa, de cunho descritivo-explicativo e constituída de uma pesquisa-intervenção, com método de análise de conteúdo proposto por Laurence Bardin.

Palavras-chave—crianças, mídia, cultura

I. INTRODUÇÃO

Em uma sociedade marcada por transformações sociais e culturais, em que o avanço das tecnologias da informação e comunicação vem conquistando visibilidade, verificamos novos modos de comunicar, de interagir, de relacionar (com o grupo familiar, escolar, de amigos, com as mídias) pelas crianças.

Nesse contexto, ao pensarmos o lugar da criança na cultura contemporânea reconhecemos que elas geram novos espaços culturais e “[...] constituem-se em lugares nos quais se entrecruzam distintas culturas: as familiares, as escolares, as infantis, as midiáticas”, revelando serem vistas não como “[...] seres determinados pelas culturas, mas também como agentes produtores de cultura”[1].

No contexto da mídia e da cultura, [2] apontam um número crescente de pesquisas que buscam entender os entrelaçamentos entre mídia, criança e cultura na atualidade, situando alguns temas e abordagens que tem sido discutido recentemente nas pesquisas, para depois relatarem exemplos e mencionarem desafios nesse campo de pesquisa. Teoricamente, os Estudos da Infância, os Estudos Culturais e a Mídia-Educação são os campos teóricos que tem se destacado nestas pesquisas. Metodologicamente, temos a pesquisa-ação, o estudo de caso, os estudos de recepção, análises de discurso, pesquisa pedagógica ou aplicada, pesquisa-intervenção e experimentação didática com um universo temático transversal voltado a pesquisas que tratam a relação das crianças com o cinema, arte, artefatos tecnológicos, com a cultura digital, entre outros. Como exemplos de como a relação mídia/tecnologia está presente nas pesquisas com crianças, as autoras apresentam três exemplos. O primeiro refere-se à participação da criança pequena na cultura mediada pela tecnologia (criança e computador). Os modos como as crianças se encontram,

constroem e percebem os lugares físicos (crianças, mobilidade, espaços e tecnologias móveis) é o segundo exemplo. Por fim, temos a criação e participação de produção coletiva de histórias orais e filmadas (crianças e autoria narrativa). Em relação aos desafios em pesquisas que ligam tecnologia e cultura está no fato de aprendermos com as crianças, escutá-las.

Portanto, para refletir sobre essas questões é imprescindível trazermos para a discussão os estudos da infância ou Estudos da Criança, cultura das mídias ou midiáticas e suas múltiplas relações, entendendo que as práticas de muitas crianças como navegar na Internet, pesquisar, jogar, interagir em redes sociais, implicam mudanças nos modos de relacionar, interagir, aprender e comunicar.

II. SOBRE AS CULTURAS INFANTIS

Ao trazer para a discussão os estudos sociais da infância ou Estudos da Criança, busca-se compreender como as culturas infantis se refletem nas crianças e no espaço escolar, cujo objetivo principal é possibilitar o “[...] encontro *com* crianças, situadas contextualmente, escutá-las, traduzi-las e afirmá-las como um ato de liberdade [...]”, visando “[...] construir, a partir das crianças, outras imagens de infância que conduzam a perspectivas mais locais a partir da descrição, da escuta da voz e da participação das mesmas” [3].

Sob o termo culturas infantis ou culturas da infância, [1] afirma que as culturas infantis se revelam no convívio com outros grupos de crianças, com os quais as crianças executam tarefas similares.

Nesse sentido, a autora referida assevera que precisamos refletir sobre crianças produzindo culturas (culturas da infância) e sobre a produção cultural que se faz para as crianças (culturas para a infância). Em relação ao primeiro aspecto, crianças produzindo culturas, significa anunciar que são ativas na criação de relações sociais, na produção do conhecimento, nos processos de aprendizagem e na escuta atenta dos seus modos de sentir, agir, ver, viver, pensar, escutar seus gostos e preferências. Em relação ao segundo aspecto, a produção cultural que se faz para as crianças, significa entender que a cultura da mídia e culturas infantis se inter-relacionam, mediante socialização que se origina tanto da “[...] cultura dos videogames, das princesas, das redes, dos CDs, como também da cultura dos amigos, do futebol, dos

laços de afeto, da vida em grupo na escola e na família [...]” [1].

Para [4], a ideia de discutir a cultura da infância em uma perspectiva plural rompe com uma concepção de cultura universal e que prevaleceu por muito tempo nas sociedades ocidentais. A mudança nas práticas sociais das crianças e dos adultos e interação entre ambos (de destinatárias passivas para ativas), a recusa da criança como “ser em transição”, o entendimento do conceito de geração na análise das crianças, a investigação das crianças e dos seus modos de vida por meio de uma abordagem interdisciplinar, mudanças nos estatutos da criança e do adolescente, efeitos das tecnologias da informação e comunicação na configuração dos mundos sociais e culturais em que as crianças contemporâneas estão imersas, explicam como os trabalhos produzidos pelo campo da Sociologia da Infância têm se dedicado à compreensão da infância ao retirá-las das perspectivas biologistas de estudos.

Do ponto de vista da constituição e legitimação do campo científico da Sociologia da Infância, os estudos sinalizam pontos de confluência que podem constituir-se em uma matriz teórica dos novos estudos sociais da infância e apresentados sob a forma de dez proposições, cujo objetivo é estabelecer o debate para renovar as concepções sociais da infância, para compreender as mudanças e transformações que ocorrem com as novas gerações e para o incentivo a estudos científicos mais atentos à infância e às crianças [4].

Dessa forma, as dez proposições que constituem essa matriz teórica são: (1) a infância deve ser estudada a partir do seu próprio campo, rompendo com a perspectiva analítica que estuda a partir do entendimento do adulto; (2) a infância é uma categoria geracional que necessita de ser estudada de modo a articular os elementos de homogeneidade e de heterogeneidade; (3) o conceito de geração é central na configuração sociológica da infância; (4) a construção social da infância estrutura-se em torno da ideia de que todas as crianças são competentes no que fazem e não na negatividade da infância expressa na suposta incompetência delas; (5) a infância é uma condição social que corresponde a uma fase etária com características distintas de outras fases etárias e não é uma idade de transição. As crianças são atores sociais com características evidenciadas na alteridade geracional; (6) as condições de vida das crianças devem ser estudadas perante as esferas sociais da produção e da cidadania; (7) as crianças são produtores culturais; (8) as instituições de ensino devem desenvolver não somente processos de socialização vertical (transmissão de valores, normas, ideias, crenças sociais dos adultos às gerações mais jovens), mas preencher com ações das crianças, de forma ativa e participativa, através do protagonismo infantil; (9) as mutações da modernidade têm implicações nas condições de vida das crianças e no estatuto social da infância; e (10) a Sociologia da Infância só se desenvolverá se articular um programa de renovação na própria Sociologia [4].

Precisamos reconhecer e destacar dois aspectos importantes nessa discussão. Primeiro que as concepções de infância se constituem como construção social e histórica, em constante mutação e que as crianças são consideradas a partir do que fazem, agem, criam, pensam, reforçando a ideia de que são ativas, participativas, capazes de dialogar, questionar, investigar, construir e interpretar criticamente o mundo me que vive, reestruturando o lugar social que a criança desempenha na produção e na propagação da cultura. Segundo que a Sociologia da Infância tem contribuído de

maneira relevante para a definição dos novos estudos sociais da infância ao elencar dez proposições importantes para um olhar mais cuidadoso à infância e às crianças, além de competir a ela “[...] construir novas abordagens capazes de compreender a complexidade deste processo de construção do indivíduo jovem no contexto de uma sociedade globalizada [...]”, com a presença de “[...] novos objetos técnicos de comunicação e informação que produzem cultura e educação” [5] [6].

Dessa forma, entendemos que as crianças criam culturas a partir de suas atuações nos diversos contextos em que estão inseridas e com os quais interagem, conduzindo-nos a pensar no seu entrelaçamento ao contexto digital por meio da cultura das mídias. Sobre esse assunto iremos discutir na próxima seção.

III. SOBRE A CULTURA DAS MÍDIAS

Uma vez que os estudos sociais da infância ou Estudos da Criança têm contribuído para a renovação das concepções sociais da infância, devemos agora entender a cultura das mídias ou midiáticas considerando que o impacto das tecnologias da informação e comunicação, além de trazerem mudanças para os diversos setores da sociedade, trouxe mudanças nos mundos sociais, culturais e educacionais “[...] em que se concretiza a ação das crianças na era das tecnologias digitais” [7].

Os textos de Santaella [8] [9] nos convida a compreender alguns conceitos que vem surgindo de modo mais efetivo como o desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação por todas as esferas da sociedade como cultura de massas, cultura das mídias e cultura digital.

Para não cair num labirinto de confusões, a autora mencionada diz que embora os termos (cultura de massas, das mídias, digital) “[...] convivam hoje em um imenso caldeirão de misturas, apresentam caracteres que lhes são próprios e que precisam ser distinguidos [...]” [9].

Para compreender essas novas formações socioculturais que vem surgindo, Santaella [9] têm empregado uma classificação das eras culturais em seis tipos de formações (oral, escrita, impressa, de massas, das mídias e digital) para entender como as mídias sofreram mudanças ao longo dos tempos e criaram novas formas de processos sócio-culturais. Uma classificação que deve ser compreendida como períodos culturais cumulativos e não lineares, com reajustamentos e refuncionalizações. Alerta para o fato de que apesar de alguns elementos desaparecem (por exemplo o papiro), serem substituídos por outro (telégrafo para o telefone e por meios de comunicação mais velozes que fazem uso de computadores) ou ficarem sob o domínio da técnica ou da tecnologia de comunicação mais atual, este “[...] não é suficiente para asfixiar os princípios semióticos que definem as formações culturais preexistentes [...]”, uma vez que a cultura “[...] comporta-se como um organismo vivo e, sobretudo, inteligente, como poderes de adaptação imprevisíveis e surpreendentes”.

Por cultura das mídias, Santaella [8][9] entende que é uma cultura intermediária situada entre a cultura de massas e a cultura digital, ou seja, a autora defende que a evolução da mídia não foi um salto da cultura de massas para a cultura

digital. A cultura de massas é a cultura do consumo massivo, da uniformidade, homogeneidade do conteúdo informacional e promovida pelas mídias tradicionais como o rádio, a televisão, o jornal, em que o usuário é apenas receptor passivo das informações. Já a cultura digital é a cultura do acesso responsável pelo grande aumento da produção e circulação da informação provocada pela convergência das mídias. A cultura das mídias é uma cultura do disponível e do transitório movida pelo surgimento de equipamentos e dispositivos que propiciam aos usuários “[...] a escolha e o consumo individualizados, em oposição ao consumo massivo”.

Consequentemente é uma fase importante, pois foi preparando a “[...] sensibilidade do receptor para a era participativa da interatividade inaugurada pelo computador, seus programas, suas plataformas, suas interfaces e seus desdobramentos, na atual era da convergência” [10].

IV. CRIANÇA, MÍDIAS E CULTURAS: UM CENÁRIO DE MÚLTIPLAS RELAÇÕES

Discutimos no início desta seção que os Estudos da Criança trouxeram novas perspectivas de encontro com as crianças ao considerá-las a partir do que fazem, agem, criam, pensam, reforçando a ideia de que são ativas e participativas, capazes de dialogar, questionar, investigar, reconfigurando seu papel na produção e na propagação da cultura.

Vimos, também, que a cultura das mídias ganhou força através do surgimento de equipamentos e dispositivos que proporcionaram aos usuários diferentes formas de acesso às informações e usos. Nesse contexto, temos o uso e acesso às mídias por uma grande maioria das crianças, que nas suas práticas cotidianas (acessar redes sociais, jogar, pesquisar...) nos conduzem a pensar que é possível vincular as culturas infantis com as produções culturais midiáticas realizadas pelas crianças numa perspectiva educacional.

Um artigo que evidencia tal afirmativa é dos autores [11] que na contramão de estudos que se debruçam em demonstrar as potencialidades e benefícios das tecnologias da informação e comunicação para as crianças, procuram esclarecer como são efetuadas e negociadas as interações das crianças na rede a partir do quadro teórico de referência da Sociologia da Infância.

Por meio da observação direta e da gravação de *chats* de conversação com crianças portuguesas entre os seis e os onze anos de idade sobre o que conhecem, procuram e fazem na Internet, os autores referidos asseveram que a ideia da criança subordinada ao domínio tecnológico deve ser revista, pois “[...] as crianças intervêm na rede, fazem e refazem as suas interações e os seus saberes, nas condições propiciadas e constringidas pelo meio, mas acrescentando-lhe a sua dimensão de sujeitos ativos e de atores sociais” [11].

[12] também discutem a conexão das mídias na produção cultural das crianças. Por meio de pesquisas empíricas realizadas com o público infanto-juvenil, faixa etária dos 05 aos 15 anos, alunos do ensino fundamental, de diferentes origens socioeconômicas e de grupos socioculturais diversos, as autoras buscaram compreender como as crianças aprendem, percebem e interagem no contato com as TIC, que já vê ocorrendo, fora do ambiente escolar e, de modo geral,

desconsiderado por professores e especialistas, desde que as crianças começaram a ter acesso às mídias tradicionais e que se ampliaram com o acesso ao computador e a Internet.

Nas pesquisas realizadas as autoras referidas constataram que: (1) as crianças nascidas na era digital se apropriam de forma natural dos artefatos tecnológicos, considerando-as parceiras de suas vivências lúdicas e de suas aprendizagens; (2) apesar do uso das TIC propiciarem novas aprendizagens, não é suficiente para o desenvolver o espírito crítico e utilização criativa dos artefatos tecnológicos, sendo necessária mediações dos adultos e escola; (3) é primordial aprender com os aprendentes; (4) a interação entre pares desempenha papel importante nas aprendizagens e o uso das TIC contribuiu para isso; (5) o uso das TIC alinhado a projetos pedagógicos bem estruturados contribui para desenvolver comportamentos de autonomia e autodidaxia e oportuniza o trabalho colaborativo; (6) o uso pedagógico das TIC pode intensificar a motivação e a disponibilidade psicológica para aprender, sem as quais não há aprendizagem; (7) a intervenção dos adultos é importante para o desenvolvimento cognitivo e sócio-afetivo das crianças [12].

Além destes achados, [12] e [13] destacam a questão da desigualdade de acesso mínimo a bens culturais, materiais e técnicos, em especial a cultura digital por crianças em situações de risco, desfavorecidas, observadas na pesquisa, impedindo que esse público infanto-juvenil possa vivenciar processos de desenvolvimento intelectual e psicossocial suficientes. Para reverter esse quadro, a solução seria a escola não apenas investir em equipamentos e formação de professores, mas buscar novos modos de ensinar, *re-inventar* a pedagogia, combinando o uso das TIC em projetos de aprendizagem integrados aos conteúdos e na interdisciplinaridade das disciplinas para que todas as crianças e jovens tenham acesso.

Segundo estudos de [14], a cultura midiática tem grande importância no cotidiano infantil das crianças e práticas bem-sucedidas que envolvem reflexões sobre mídia e educação tem revelado um trabalho criativo e crítico das crianças e, ao mesmo tempo, tem colocado desafios para a educação com superar o uso ainda instrumental que muitas escolas fazem das mídias, integrar a presença da mídia-educação nos currículos das escolas do ensino fundamental e enfatizar importância da consolidação da mídia-educação nos cursos de formação inicial e continuada dos professores.

Por fim, [15] vem reforçar essa discussão em seu texto “Crianças fazendo mídias na escola: desafios da autoria e da participação”, enfatizando o papel da criança como produtoras de mídias na escola e, ao mesmo tempo, trazendo desafios aos educadores em garantir autoria e participação das crianças nas escolas. Nesse cenário, os desafios apontados pela autora são: (1) deixar a criança pequena participar da construção do produto e, concomitantemente, guiá-las nesse processo, pois “[...] é possível encontrar formas de validar o olhar delas e ao mesmo tempo realizar as mediações técnicas e estéticas necessárias para que esse olhar possa ser traduzido para a linguagem escolhida”; (2) buscar equilíbrio entre a escolha e exploração do tema que seja do interesse das crianças por meio do diálogo constante para que não haja empobrecimento das experiências e nem do valor mídia-educativo; e (3) integrar o que as crianças produzirem e criarem com a cultura da comunidade, reforçando a importância do vínculo entre educação e cultura.

V. METODOLOGIA

Por se tratar de uma pesquisa em andamento, esta seção apresentará a escolha metodológica (natureza da investigação, abordagem e tipo de pesquisa), as técnicas para o levantamento de dados, o campo de observação, os instrumentos, as etapas e o método para a análise e interpretação dos dados escolhidos para a pesquisa com jogos digitais na aprendizagem.

Metodologicamente, trata-se de uma investigação qualitativa, de cunho descritivo-explicativo e constituída de uma pesquisa-intervenção. No que se refere à técnica de pesquisa para o levantamento de dados, elegeremos o grupo focal e a observação participante natural. O local será o contexto da escola pública situada num município de Minas Gerais e os participantes estudantes de 4º e 5º ano dos anos iniciais do ensino fundamental, faixa etária 09-12 anos.

Quanto aos instrumentos para a recolha dos dados, adotaremos o roteiro semiestruturado, anotações de campo e audiogravação, pois a pesquisa está constituída de duas etapas. A primeira etapa tem como objetivo identificar como essas crianças se relacionam, interagem e aprendem no contato com os jogos digitais em sua vida cotidiana e escolar. A segunda etapa tem como objetivo convidar essas crianças a participarem de uma atividade mão na massa com uma proposta de criar jogos digitais usando a ferramenta Scratch e contexto vinculado a temática valores morais na escola.

Por fim, para a análise e interpretação dos dados utilizaremos o método de análise de conteúdo proposto por Laurence Bardin.

VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este *paper* buscou discutir o lugar da criança na cultura contemporânea ao reconhecermos que elas geram novos espaços culturais e produzem mídias. Logo, nossa proposta de criação de jogos digitais pelas crianças vai de encontro com nossas reflexões ao entendermos que elas passam a ser produtoras de conteúdo, de culturas e de conhecimentos.

Observando o que os autores têm estudado em relação às múltiplas possibilidades de entrelaçamento entre crianças, mídia e cultura, finalizamos enfatizando que precisamos desconstruir o uso instrumental das mídias no contexto educacional e reconhecer que as crianças estão na sociedade, em constante interação entre si, com os adultos e nos espaços formais e informais, reforçando que elas são participativas e capazes de produzir mídias na escola.

REFERÊNCIAS

- [1] M. C. S. Barbosa. Culturas Infantis: contribuições e reflexões. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v.14, n.43, p. 645-667, set./dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/1870>. Acesso em 08 jun. 2020.
- [2] M. Fantin; G. Girardello. Questões e perspectivas da pesquisa com e sobre crianças no contexto da mídia e da cultura. In: SIMPÓSIO LUSO-BRASILEIRO EM ESTUDOS DA CRIANÇA, 2, 2014. Porto Alegre. Anais [...] Porto Alegre, 2014. Disponível em: <http://docplayer.com.br/11915477-Questoes-e-perspectivas-da-pesquisa-com-e-sobre-criancas-no-contexto-da-midia-e-da-cultura-monica-fantin-ufsc-gilka-girardello-ufsc.html>. Acesso em: 17 jun. 2020.
- [3] M. C. S. Barbosa. Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares: as socializações e a escolarização no entretecer destas culturas. Revista Educação e Sociedade, Campinas, v. 28, n.100, p. 1059-1083, out. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2028100.pdf>. Acesso em 10 jun. 2020.
- [4] M. J. Sarmento. Estudos da infância e sociedade contemporânea: desafios conceituais. O Social em Questão, v. 20, n. 21, p. 15-30, 2009. Disponível em: <http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/v10n21a02.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2020.
- [5] M. L. Belloni. Infância, Mídias e Educação: revisitando o conceito de socialização. Revista Perspectiva, Florianópolis, v. 25, n.1, p. 57-82, jan./jun. 2007. DOI: <https://doi.org/10.5007/%25x>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/1629>. Acesso em: 14 jun. 2020.
- [6] M. J. Sarmento. A reinvenção do ofício da criança e de aluno. Revista Atos de Pesquisa em Educação, v. 6, n. 3, p. 581-602, set./dez. 2011. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/36733>. Acesso em 25 de jun. 2020.
- [7] L. Santaella. Cultura das Mídias. In: SANTAELLA, Lúcia. Cultura das Mídias. São Paulo: Experimento, 1996, cap. 1, p. 27-48.
- [8] L. Santaella. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. Revista FAMECOS, Rio Grande do Sul, v. 10, n. 22, p. 23-32, dez. 2003. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2003.22.3229>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3229>. Acesso em: 23 jun. 2020.
- [9] L. Santaella. Mídia, participação e entretenimento em tempos de convergência. Revista GEMInIS, São Carlos, SP, Edição Especial, p. 4-7, maio 2014. Disponível em: <http://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/175>. Acesso em: 27 jun. 2020.
- [10] M. J. Sarmento; S. M. Barra. Os saberes das crianças e as interações na rede. Revista Zero a Seis, Florianópolis, v.8, n.14, p. 01-20, jul./dez. 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/1776>. Acesso em: 15 jun. 2020.
- [11] M. L. Belloni; N. G. Gomes. Infância, Mídias e Aprendizagem: autodidaxia e colaboração. Revista Educação e Sociedade, Campinas, v. 29, n. 104, p. 717-746, out. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v29n104/a0529104.pdf>. Acesso em 16 jun. 2020.
- [12] M. L. Belloni. Crianças e mídias no Brasil: cenários de mudança. Campinas, SP: Papyrus, 2010.
- [13] G. Girardello; I. Orofino. Crianças, cultura e participação: um olhar sobre a mídia-educação no Brasil. Revista Comunicação, Mídia e Consumo, São Paulo, v. 9, n. 25, p. 73-90, ago. 2012. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/312/pdf>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- [14] G. Girardello. Crianças fazendo mídia na escola: desafios de autoria e participação. In: ELEÁ, Ilana. Agentes e Vozes: um panorama da Mídia-Educação no Brasil, Portugal e Espanha. Spanish Edition: Yearbook, 2014, cap. 1, p. 21-28.